

**Almeida Garrett – O Arco de Sant’Ana**  
**Anotações esparsas para uma análise formalista.**

*Resumo da Trama:*

**Do Volume I** (por Oliveira Marreca):

“É no Porto. Reina D. Pedro Cru. É senhor temporal e espiritual do burgo o bispo D. Egídio (se a crônica lhe acerta com o nome). E este bispo, esquecido de sua esposa em Cristo, gosta de mulheres casadas, e das solteiras também. Aninhas, uma rapariga que mora no Arco de Sant’Ana, e tem ausente o marido, é requestada por ordem do prelado por Pero Cão, o mordomo ostensivo e mercúrio secreto de sua reverendíssima. Resiste; e como resiste, numa noite é raptada. Uma vizinha e amiga sua íntima, ao levantar-se de manhã seguinte, descobre o rapto, e, atinando com a origem dele, fez amotinar o povo. O povo amotinado corre em tumultos aos paços episcopais, vociferando palavras de indignação. O Bispo, paramentado para sair na procissão de S. Marcos, apresenta-se ao tropel dos populares com aspecto composto e imperturbável. Estes titubeiam. Mas depois de uns tropos momentâneos, renasce mais tremenda a sua irritação. Aparece então Paio Guterres, um clérigo muito benquisto e respeitado, e à sua voz persuasiva é dissipado o tumulto.

Contudo o rapto não ficara por vingar; por que se o grande reparador não se mostra ainda, já se adivinha. El Rei já está nas vizinhanças do Porto; vem punir o atentado do Bispo, por aviso que lhe deram. Levou-lho a instigações da amiga de Aninhas, um D. Vasco, estudante e (*afilhado?*) do Bispo. O segundo volume o dirá...”

(em: Teófilo Braga: “Elaboração do ‘Arco de Sant’Ana”, *O Arco de Sant’Ana de Almeida Garrett*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1966, p. 17)

**Do Volume II:**

Vasco vai conversar com a “bruxa de Gaia”, mulher marginalizada e temida na cidade do Porto, que só não fora para a fogueira, como queria o bispo, por intercessão de Paio Guterres que a defendia das intenções inquisitoriais do bispo. Guiomar, assim a “bruxa de Gaia” diz se chamar, conta a Vasco a história de sua vida, que este de algum tempo a conhecera e sobre ele exercia uma certa proteção. Conta, em prantos, o seu passado, que era filha de um judeu muito influente na política local, Abraão Zacuto, que era um grande físico (alquimista) ombreando com Avicena. Certa feita, um cavaleiro fora acolhido na casa desse Abraão por estar muito ferido de uma batalha. Quando já se recuperava, o cavaleiro, numa noite, aproveitando a ausência de Abraão Zacuto, violenta sua filha que cuidara com dedicação do cavaleiro ferido durante toda sua recuperação. Tendo vergonha de contar o acontecido, a filha foge de casa. Pouco tempo depois, sem encontrar a filha, Abraão Zacuto e sua mulher, Sara, morrem. A filha, que até então se chamava Éster é recolhida pela família de Paio Guterres, que ainda muito jovem, dedica-se a cuidar da moça até que nasce seu filho. Guiomar, conta para Vasco que ela é Éster e que seu filho é ele, Vasco. Vasco pergunta sobre a identidade de seu pai, esse cavaleiro que desonrara sua mãe. Guiomar (Éster) nega-se a revelar a identidade do cavaleiro. Vasco volta para a cidade, onde é nomeado caudilho da revolta contra o domínio do Bispo pelos populares chefiados por Rui Vaz sob o Arco de Sant’Ana numa investidura semelhante à dos cavaleiros medievais, com o toque da espada sobre a cabeça. Vasco, Rui Vaz e os populares planejam os passos da revolta e conseguem a aprovação do “Senatus Populusque” que lhe concede o estandarte da cidade. Enquanto isso, o Bispo em sua fortaleza episcopal, bem guarnecida, tentava nos labirintos subterrâneos violentar Aninhas, esta consegue safar-se no momento derradeiro por intermédio da ajuda de Paio Guterres. A revolta popular se aproxima da fortaleza, inicia-se luta

acirrada, com muitas mortes. Num momento decisivo, quando Vasco está prestes a vencer o Bispo, este usando de artimanhas, consegue um armistício até à meia-noite. Era uma cilada, para ganhar tempo, e numa rápida manobra recupera o domínio da situação. Porém, chega para recuperar seu poder, o rei D. Pedro o Cru, que domina o bispo e retira-lhe do bispado. Surgem nessa cena final, a mãe de Vasco que revela a identidade do pai do jovem caudilho, é o próprio bispo; Aninhas que é ovacionada pelo povo e Gertrudes, a amiga de Aninhas e amada de Vasco. Vasco pede pela vida do bispo. O Rei poupa a vida do desonesto bispo, mas lança-o ao exílio em Bruges. Vasco e Gertrudes se casam numa cerimônia sob o arco de Sant'Ana e Paio Guterres é nomeado o novo bispo que batiza Éster. Pero Cão surge enforcado numa figueira, ao que parece, num ato final, imitando o gesto de Judas.

### **Aspectos Estruturais e Formalistas:**

#### *a) O Arco de Sant'Ana:*

Almeida Garrett compõe sua narrativa a partir de uma relação entre realidade e ficção. Com efeito, existiu na cidade do Porto o Arco de Sant'Ana que abrigava um nicho com a imagem da referida Santa. O arco ficava na Rua de Santana (à Sé) e desde 1524, a antiga porta da muralha passou a ser designada “Arco de Sant'Ana”, portanto desde meados do século XVI deveria esta porta possuir uma imagem de Santa Ana. Sousa Reis deixou uma descrição deste Arco imortalizado por Garrett: “Todo o Arco de Santa Anna era de arquitetura moderna, e levantado como disse, quase ao meio da rua, que se sobe para chegar ao Largo do Colégio de São Lourenço, vulgarmente chamado dos Grillos, e abrangia o estreito espaço d'essa rua: sobre ele havia um oratório, que tinha uma janela com vidraça voltada para o lado superior, ou do referido

Mosteiro dos Grillos; continha a imagem da Santa da sua invocação Este arco foi demolido no mês de Agosto de 1821” Do Arco de Sant’Ana apenas resta a porta que, aberta à esquerda do arco, dava acesso ao nicho onde estava a imagem de Sant’Ana, a Virgem e o Menino e que, depois do arco demolido, foi recolhida na Capela de São Crispim.

Ainda hoje se pode ver a porta setecentista rasgada no muro de granito, com alguns degraus que dão acesso à imagem de Sant’Ana, a qual foi aí colocada recentemente, no âmbito de um restauro feito pela Câmara Municipal do Porto.

Almeida Garrett, ao modo de Walter Scott, ou ainda, ao de James Macpherson (*Ossian*) buscando dar um tom de veracidade à sua narrativa, diz que a história que vem a narrar é baseada em um manuscrito encontrado por um soldado do Corpo Acadêmico no Convento dos Grilos. E, ainda, sua narrativa se sustenta com a participação de personagens históricos (D. Pedro, o Cru; O Bispo do Porto) e tem como fonte de apoio as crônicas de Fernão Lopes.

Logo no primeiro capítulo, Garrett explica-nos como teria sido a destruição do arco, causada por um acidente que envolvia um atrapalhado personagem chamado de José U que de tão desajeitado desaba com o palanque ali armado para a festa que se fazia anualmente à Santa: “Fora fatídica, fora fatal ao bendito arco a agourenta queda de José U”.

Desse modo sua narrativa tem além do envolvente artifício de se apresentar como sendo originada de um documento muito antigo e de citar personagens históricos, as ruínas de um monumento da cidade do Porto, estas já envolvidas em lendas e histórias imaginosas. O distanciamento no tempo (cerca de 400 anos) confere ainda ao romance *O Arco de Sant’Ana* o elemento tipológico que o aproxima da epicidade necessária para compor um painel que envolva o herói no período de formação de Portugal.

b) *Santa Ana e São Marcos:*

O *Arco de Sant'Ana* é, pois, o cenário principal do romance, circundado por ruas e monumentos da cidade do Porto. É um romance que confere à arquitetura da cidade um valor histórico, e que diante da ruína do monumento, cria o sentido de se fazer pela preservação e restauração do patrimônio histórico da cidade. Por sua vez, tal sentido é análogo ao que faz o autor dizer que entre o Portugal da primeira metade do século XIX e o Portugal de sua formação medieval existe um distanciamento de valores.

A personagem que se liga diretamente ao arco é Aninhas ou Anica, mulher de Afonso de Campanha, que está fora em viagem a trabalho. Tal Aninhas tem o hábito de diariamente acender velas para a Santa e de cuidar da limpeza de seu nicho. Atentemos para a homonímia que envolve a santa e a personagem: Santa Ana – Aninhas.

Por outro lado, a procissão de São Marcos que é descrita no romance é um acontecimento de tal importância que pode servir de motivo para dissuadir o povo do motim contra o bispo até que se termine a procissão.

Na hagiografia cristã, Santa Ana é a mãe de Maria, mãe de Jesus. Santa Ana que era casada com São Joaquim, não tinham filhos, e por isso Ana fez um voto a Deus para ter uma criança. Com 40 anos nasceu uma menina (Maria) e para cumprir seu voto, levou a menina aos três anos para ser educada no Templo. O culto à Santa Ana parece ter se originado nos arcos de Veneza no século VI e foi oficializado pela igreja em 1582, portanto, posteriormente à época em que se narra os fatos do romance de Garrett, o que confere à personagem Aninhas na devoção à Santa um caráter de religiosidade popular e intensa.

São Marcos é considerado o autor do mais antigo dos quatro evangelhos canônicos. De acordo com a *Vida do*

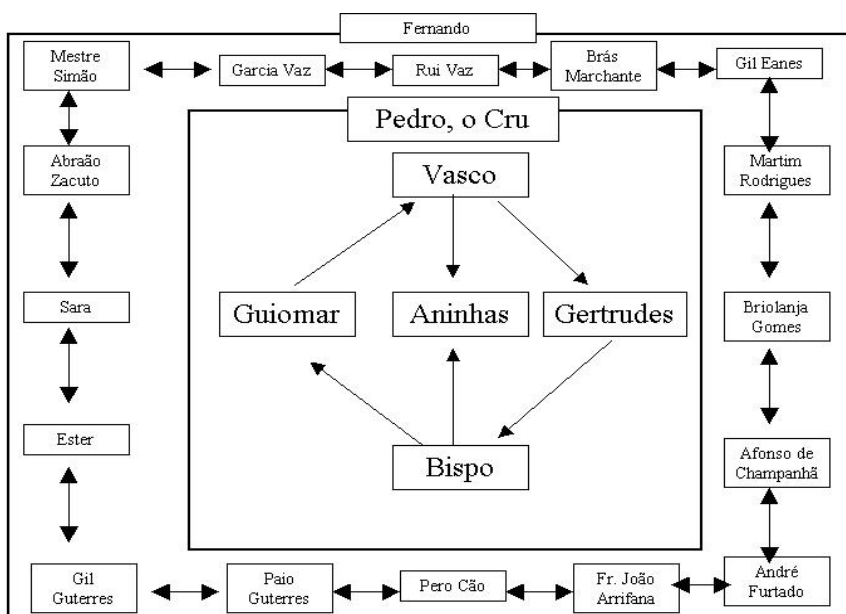
*Apóstolo do Evangelista Marcos*, escrita por Severus, Bispo de Al-Ushmunain, no século X, Marcos foi um dos criados que despejaram a água que Jesus transformou em vinho no episódio denominado *Bodas de Caná*, e que foi em sua casa que Jesus apareceu aos discípulos em oculto depois da ressurreição dos mortos. Depois desse episódio, São Pedro e São Marcos se dedicaram à evangelização. Uma noite Pedro teve um sonho no qual lhe foi dito que partisse, junto com Marcos, para Roma e Alexandria. Depois de pregarem em Roma por certo tempo, Marcos foi para o Egito e converteu muitas pessoas humildes à igreja Cristã, deixando lá uma pequena comunidade de cristãos. Em Alexandria, assim que adentrou os portões da cidade, diz a história, a correia de sua sandália arrebentou, e ele a levou a um sapateiro próximo, chamado Anianus, que se tornou seu primeiro convertido em Alexandria. Marcos logo descobriu que estava sendo procurado por seus inimigos, e ordenou Anianus bispo, ordenou também três padres e sete diáconos, e deixou a cidade, não sem antes instruir-lhes que servissem e confortassem os irmãos de fé. Voltou tempos depois e encontrou a comunidade que tinha deixado crescida e próspera, mas seus inimigos logo o encontraram e o prenderam. No dia seguinte, o enforcaram e arrastaram o corpo pelo chão. Mas quando cogitaram de queimar o corpo, acharam que não poderia ser profanado e, temendo isso, não o fizeram. Os cristãos reivindicaram o corpo e o enterraram com reverência na igreja que eles tinham construído. São Marcos é venerado como o fundador e primeiro o mártir da Igreja Cristã no Egito.

Relacionando a história desses dois santos com a obra de Garrett, podemos perceber que se Aninhas tem uma homonímia com a santa que cultua, também é muito próxima a sonoridade de seu nome com a de Anianus, o bispo ordenado por São Marcos. Ao passo que o bispo do Porto está correlacionado aos martirizadores do santo. Com efeito, uma

procissão representa simbolicamente o martírio do santo e é regida pelo bispo.

Por outro lado, São Marcos tem sua história de evangelização ligada à de São Pedro, nome que é o do rei de Portugal, D. Pedro, o Cru, que no romance de Garrett destituiu o bispo de seu bispado e ordena a Paio Guterres o novo bispo. No romance *O Arco de Sant'Ana*, a procissão de São Marcos marca o último ato religioso presidido pelo bispo vilão e a ação de D. Pedro determina sua expulsão da igreja e da cidade.

*c) As relações estruturais das personagens principais:*



O quadro apresenta o conjunto de personagens do romance *O Arco de Sant'Ana*. Os personagens estão dispostos em dois grupos. O primeiro, mais interno na área do quadro,

representa os personagens centrais. São eles, Vasco, o herói caudilho, filho de Guiomar e do bispo e que vai agir no sentido de derrubar o bispo e resgatar Aninhas e que ainda tem em Gertrudes, o seu amor, com quem se casa ao final. As setas indicam o sentido da ação de uma personagem sobre a outra. Assim o bispo age violentando Guiomar (Éster) e prende Aninhas, tentando depois viola-la. Gertrudes age sob o Bispo quando inicia com sua ação o motim que deflagrará de encontro à procissão de São Marcos. Envolvendo todo esse conjunto central de personagens está a figura do rei, D. Pedro. Notemos, p. ex., na cena final, como as três mulheres (Guiomar, Aninhas e Gertrudes – nessa ordem) comparecem diante do rei para explicar a D. Pedro a complexidade da trama que envolve o Bispo e Vasco. D. Pedro aparece como aquele que tem o poder de resolver o conflito e restabelecer a ordem. Externamente ao quadrado central, colocamos as personagens secundárias, dispostas segundo a posição que se colocam no conflito. Assim de um lado temos a família de judeus: Abraão Zacuto, Sara e Éster (que depois de violentada, passa a se chamar Guiomar, a bruxa de Gaia, e assume um papel no círculo central da história). De outro os parentes de Gertrudes e de Aninhas: Martim Rodrigues (pai), Briolanja Gomes (tia) e Afonso de Champanha (marido de Aninhas). Acima estão aqueles que se destacam como revoltosos na luta contra o bispo: os irmãos Rui Vaz e Garcia Vaz, Brás Marchante que surge com seu estandarte de cabeça de cão e Gil Eanes, o palrador. Abaixo aqueles que estão sob o comando do Bispo, observando que da direita para a esquerda do quadro temos aquele que se revolta contra o bispo (Paio Guterres), depois os que se mantém sob sua tirania (Pero Cão, o fiel mordomo), André Furtado (o camareiro) compondo com Afonso Peres um único quadro, das personagens totalmente figurativas. Gil Guterres entra na intersecção do eixo inferior com o lado direito ligado à personagem Guiomar, pois ele, como pai de



Paio Guterres é quem toma a iniciativa de abrigar Éster. Na intersecção desse lado com o eixo superior, colocamos Mestre Simão, o físico, que de início é o modelo que quer seguir Vasco, e que na condição de físico, aproxima-se de Abraão Zacuto, o sábio judeu. Notemos, ainda, como no canto inferior esquerdo estão ligados dois personagens que se destacam pela ausência (o marido de Aninhas, que quando volta de viagem já todo o conflito está resolvido; e André Furtado/Afonso Peres<sup>1</sup> cujas ações no romance são absolutamente figurativas. Envolvendo ao conjunto das personagens está o filho de Aninhas, Fernando, que simbolicamente representa o futuro, e não por acaso, o nome do sucessor de Dom Pedro, o Cru fora D. Fernando.

Ao considerarmos tal disposição estrutural estamos também compondo uma analogia com a bandeira do reinado de D. Pedro, o Cru (que vigorava desde D. Afonso III, Dom Dinis e Dom Afonso IV e seguiria valendo até D. Fernando) que é como se vê, composto por uma parte central com as quinas e seus besuntes, envolvida pelos dezesseis castelos que se acreditava, estavam ligados aos castelos da origem do condado portugalense. Depois do reinado de Dom Fernando, vem o reinado de Dom João, mestre de Avis, que modifica a bandeira, acrescentando aos quatro lados as pontas verdes da cruz florida da ordem de Avis, e alterando o número de castelos e de besuntes dentro dos escudos das quinas.

---

<sup>1</sup> Pode-se contra-argumentar que a junção André Furtado / Afonso Chaves é um artifício para enquadrar o número de personagens ao número de castelos da bandeira, porém, observe-se que Éster e Guiomar são a mesma personagem, o que reconfigura o número de personagens ao número dos castelos. Optamos, no entanto, por manter Éster e Guiomar com situações distintas para efeito de melhor entendimento da estrutura da obra.



Observe-se ainda, o episódio em que Vasco é investido da condição de caudilho, numa cerimônia análoga à do cavaleiro medieval que é ordenado pelo rei, ao modo característico de um Walter Scott, ou o episódio em que Vasco recebe o estandarte da cidade, são momentos de característica simbólica, com ênfase na heráldica, que confirmam a intenção de Garrett em apresentar que sua história se presta a dar ao Arco de Sant'Ana um passado quase mítico.

*d) Dos nomes das personagens: Uma Criptografia Alquimista?*

Vasco de início deseja ser físico, isto é, alquimista, como o fora Avicena, ou ainda Mestre Simão e Abraão Zacuto. A alquimia desenvolveu-se em Portugal notadamente no período final da idade média, durante o período entre a formação de Portugal e o início das grandes navegações. Na

alquimia, uma das práticas mais comuns era a criptografia, isto é, a escrita codificada e simbólica que apenas poucos iniciados conheciam. Para tal, usavam desde relações entre letras e números, como criavam alfabetos e símbolos com significação secreta. Nesse sentido, ao observarmos os nomes de alguns personagens de *O Arco de Sant’Ana*, podemos entrever – seja por acaso, seja intencionalmente – uma criptografia que envolve a forma das letras iniciais desses mesmos nomes.

Assim o nome do lugar que dá título ao romance, Arco de Sant’Ana inicia-se pela vogal A (Arco, Ana) que se configura geometricamente como um arco, ou ainda, como um nicho em que se guarda imagem da santa (**A**). No capítulo inicial, Garrett nos conta como o arco fora destruído pela ação do atabalhado João U. Suas iniciais (J, U) compõem-se de um meio arco invertido (**J**) e um arco invertido propriamente (**U**, representando assim a queda e a destruição do nicho em que se encontrava a santa). A moça que cuidava da imagem da santa era Aninhas, que mantinha, pois, o arco na sua posição original. As personagens Gertrudes e Guiomar têm como letra inicial o “**G**”, cuja forma se assemelha ao da espiral, que na criptografia alquímica de Ducange (*Glossarium mediuce et infimoe Latinitatis*, 1678) e de Dom Pernetty (*Dictionnaire mytho-hermétique*, 1787) se assemelha ao símbolo que representa a retorta, vasilha usada nas operações químicas de onde saía uma chama. Com efeito, Gertrudes enquanto amada e Guiomar, como mãe de Vasco, representam a chama do amor.

Lutando pela liberdade de Aninhas e a conseqüente manutenção dos cuidados para com o arco de Sant’Ana, estão Garcia Vaz e Gil Eanes, e indiretamente Gil Guterres (que têm como iniciais o “**G**” da retorta) e Rui Vaz (cujas iniciais: **R, V**) contém em ordem inversa as letras do símbolo **VR**, que significa “*Spiritus Rectificatus*”, expressão alquímica que significa “espírito retificado dos filósofos” (que em termos

práticos nada mais era do que o mercúrio empregado como dissolvente). Rui Vaz ordena Vasco cavaleiro. Vasco, por sua vez, tem a inicial “**V**” que segundo as mesmas fontes, significa na alquimia “Fixum”, isto é, a parte insolúvel do enxofre, ou seja, aquilo que permanece após a queima do enxofre. Vasco é, pois, o personagem que permanece após o conflito e que, portanto, vence. No alfabeto dos templários, o símbolo “**V**” corresponde à letra “**A**” ( Abade Gregóire, *Histoire des Sectes Religieuses*, 1810), que é a inicial de Ana (Sant’Ana e Aninhas), daí sua ação em prol das duas ser justificada por esse nosso estudo de criptografia. Martim Rodrigues, cujas iniciais são “**M**” e “**R**”, formam a abreviação “**Mr.**”, isto é, “mister” que é, enfim, a condição do pai de Gertrudes. O bispo, que não se cita seu nome na obra, mas apenas a sua posição episcopal, tem como inicial o “**B**”, que na alquimia, segundo Ducange e Pernetty, significa “Balneum Arenae”, isto é, “banho de areia” (operacionalmente designava na alquimia o banho de luz intramineral). Geometricamente a letra “**B**” compõe-se de dois arcos laterais incrustados numa haste vertical, que representa sua ação de alterar a ordem do arco de Sant’Ana e do nicho da santa. Pero Cão, iniciais “**P**” e “**C**”, significa em alquimia “per cornu cervi” (chifre de cervo) que simboliza a conversão da matéria em ar, no primeiro grau da “grande obra”. Pero Cão, suicida-se, representando a passagem da matéria para o espírito. Notemos que “Cão” já designa sua condição de fidelidade ao senhor (o bispo) e também sua característica maligna na história. Brás Marchante, que aparece no romance portando um estandarte com uma cabeça de cão, prenuncia a morte de Pero ao final do romance, quando muitas vezes gritava a turba “Morra Pero!”. As iniciais de Brás Marchante, **B.M.**, em alquimia significam “Balneum Mariae”, isto é, banho-maria. Tal personagem é comparado na descrição que dele faz Almeida Garrett com “São Cristóvão” que na hagiografia é lembrado pela passagem em que atravessa o

menino Jesus nas águas de um rio, e que era um homem forte e guerreiro. Briolanja Gomes, iniciais **B.G.**, contém o “B” do Bispo e o “G” dos protetores de Aninhas, com efeito, essa é sua condição. Teme ao poder do bispo e também sofre por Aninhas. O Rei, Pedro o Cru, iniciais **P.C.**, as mesmas de Pero Cão, representa o sentido positivo de “per cornu cervi”, isto é, enquanto rei simboliza a espiritualização da matéria, principalmente quando destitui o profanador bispo de suas funções e a elege como novo bispo Paio Guterres. Parece-nos, portanto, que é curioso o fato das iniciais das personagens do romance poderem ser relacionadas com a criptografia alquímica. Mas tal relação é perfeitamente compatível com um enredo cheio de personagens ligadas às práticas alquímicas e de bruxaria.

*d) Semelhanças entre Viagens na Minha Terra e o Arco de Sant’Ana:*

Alguns críticos já apontaram a semelhança entre o conflito Carlos/Frei Dinis de *Viagens na Minha Terra* e Vasco/Bispo de *O Arco de Sant’Ana*. Em ambos, existe a revelação da paternidade, em ambos, o pai é um religioso, e ambos os religiosos terminam na solidão. Nas duas histórias existe uma relação entre o passado distante o presente. E, os dois romances, destacam pontos históricos das cidades que lhes servem de cenário (Porto e Santarém). Nas duas histórias fala-se do reinado de um rei chamado Pedro (Pedro, o Cru; Pedro IV). Carlos finda como barão, é o anti-herói do presente; Vasco é o cavaleiro medieval, o herói do passado. Essas semelhanças podem ser apreendidas a partir de uma estrutura padrão do romance de aventuras do século XIX, Umberto Eco em *Super-homem de Massa* aponta alguns desses elementos com destaque para o conceito de *Agnição*. Um estudo sobre as semelhanças entre os dois romances ainda precisa ser realizado

de modo mais eficiente, de qualquer modo, penso que pude nesse esboço de estudo apontar que o romance *O Arco de Sant'Ana* contém um arcabouço estrutural rico, dinâmico e coeso com um projeto de escritura de romance complexo.